

RESUMO

*Este trabalho visa analisar uma narrativa oral construída por duas crianças, com diagnósticos estruturais diferentes, em uma oficina terapêutica denominada Grupo Mix, do Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica. Partimos do princípio de que as narrativas orais podem servir para o sujeito como uma forma de lidar com a falta no/ do Outro. Para essas crianças, o encontro em uma Oficina Mix possibilita o surgimento de narrativas que podem propiciar o laço social e alguma elaboração sobre a linguagem. A análise aponta que é preciso romper com a ideologia vigente no discurso pedagógico acerca do tratamento de crianças com autismo, apostando em um sujeito.*

**Descritores:** narrativas orais; letramento; sujeito; autismo; neurose.

# UMA NARRATIVA ORAL EM UMA OFICINA TERAPÊUTICA: UM RASTRO DE ALTERIDADE

Verônica Lopes dos Santos  
Leda Verdiani Tfouni

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i1p134-150>.

## Introdução

Este artigo visa analisar uma narrativa oral produzida por crianças em uma oficina terapêutica do Lugar de Vida – Centro de Educação Terapêutica (LV), localizado em São Paulo, capital, denominada Grupo Mix. O Lugar de Vida, Centro de Educação Terapêutica, é uma instituição que oferece serviços clínicos e institucionais para o

- Psicanalista, mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo, membro da Lalíngua – Espaço de Interlocação em Psicanálise, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- ■ Master of Arts in Language Acquisition pela Universidade da Califórnia, doutora em Ciências (Linguística) pela Universidade Estadual de Campinas e professora do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

tratamento de “crianças que apresentam algum aspecto relativo ao autismo e à psicose, mas também crianças que enfrentam problemas de aprendizagem ou problemas na relação com o Outro.”<sup>1</sup> O Grupo Mix é uma oficina que conta com a heterogeneidade entre crianças que apresentam diferentes diagnósticos, entre eles: autismo, psicose e neurose.

O recorte analisado foi retirado de Pinto (2009), o uso do material foi devidamente autorizado pela autora do trabalho, bem como pela instituição. O recorte foi registrado através de relatos escritos pela autora da pesquisa citada.

Para a análise dos dados nos apoiamos na análise do discurso de Pêcheux e na psicanálise lacaniana. As duas perspectivas teóricas são consideradas disciplinas indiciárias, ou seja, utilizam um método interpretativo que não visa à generalização dos dados.

Segundo Sarti (2007, p. 111):

O paradigma indiciário tem como característica fundamental a existência de um método interpretativo. Explica-se: esse paradigma toma o dado como indício de algo revelador que precisa ser interpretado de maneira singular e não generalizante. Em função disso o dado tem que ser interpretado para tal revela-se a necessidade de um método interpretativo.

Os indícios são tomados a partir da premissa da existência do inconsciente e da ideologia. São as pistas linguístico-discursivas dessas duas instâncias que são apontadas e “depuradas” em uma análise indiciária. Para maior precisão, uma análise visa pontuar como a linguagem é materializada na ideologia ou no inconsciente e como ambos se manifestam na linguagem.

Os principais pontos do paradigma indiciário são, nas palavras de Tfouni (1992, p. 212),

Consideração do discurso (ou atividade dialógica) como elemento central a toda situação de pesquisa, mesmo aquelas que não se pretendem interacionais; a contextualização, no sentido estrito e no sentido sócio-histórico, da pesquisa, do pesquisado e do(a) pesquisador(a); e a consideração do dado como indício, como marca que precisa ser interpretada.

O ato de interpretação supõe cortes, organização do sentido e unidade do texto, produzindo um lugar de interpretação. Dessa forma, os dados não são generalizados, pois não se considera um “fato” como um dado objetivo, passível de mensuração e quantificação, diferentemente das ciências que se baseiam no paradigma galileano.

O analista do discurso se interessa em descrever o processo de produção do discurso; no entanto, no ato de descrever, o analista também interpreta segundo as condições de produção, ou seja, o contexto histórico e o contexto enunciativo. Durante a análise, “deve-se explicitar os gestos de interpretação que se ligam

aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com a memória” (Orlandi, 1999, p. 12).

Segundo Orlandi (1999), no paradigma indiciário, os métodos e os procedimentos não visam descrever os dados, o objetivo é mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos) de sentido. Nessa perspectiva, visamos analisar como a ideologia atua em determinados discursos e quais são os seus efeitos para os sujeitos.

Pêcheux (1990, p. 166) afirma que “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que o representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Pêcheux, 1969/1990, p. 161). As formações discursivas são o lugar da constituição do sentido, segundo as indicações do autor. O sujeito se identifica à formação discursiva que o domina, ou seja, na região em que ele é constituído como sujeito pela ideologia tem-se deste modo a forma-sujeito, conceito desenvolvido por Pêcheux (1969/1990).

Assim, haveria um ponto de articulação entre o discurso pré-construído e a região em que o sujeito se identifica nesse discurso, isso produz uma alienação do sujeito à determinada formação discursiva e ao mesmo tempo constitui o sujeito como falante. Essa articulação

estabelece a relação do sujeito com o sentido.

Semelhante à psicanálise laciana, a análise do discurso se dedica a apontar no discurso a irrupção de pontos em que aparece a relação do sujeito com o sentido a fim de possibilitar algum deslocamento, ou até mesmo, a admissão de um sentido muitas vezes rejeitado em determinados contextos.

Em Psicanálise podemos falar da existência de dois sujeitos: o sujeito do enunciado, que é aquele que se relaciona ao Eu e ao conhecimento, ou seja, aquele que emite uma mensagem ao outro (a), e o sujeito da enunciação, que é determinado pelos significantes e está relacionado ao Outro (A), por se tratar da linguagem em operação e produzir os efeitos de sentido colocados em jogo no discurso.

A Psicanálise se ocupa em escutar o sujeito da enunciação atentando para o dizer do falante, ou seja, enquanto o Eu fala (mensagem, enunciado), o analista é aquele que interroga para quê o sujeito fala, o que deixa de falar, e como fala, a que significante o sujeito está assujeitado, já que tomamos o significante, enquanto tal e seu deslizamento marca o lugar do desejo e sua significação.

Partindo desses dois paradigmas analisamos os efeitos de uma narrativa oral dentro do Grupo Mix levando em conta que as oficinas terapêuticas do Lugar de Vida, segundo Kupfer (2000), não são espaços educativos e tão pouco de tratamento analítico,

mas são oficinas que ficam na borda, no entremeio desses dois discursos, levando-se em conta o que as crianças produzem.

A seguir faremos uma breve apresentação e interpretação acerca do Grupo Mix e sua relação com as estruturas clínicas neurose e autismo.

## **A falta e o Outro: algumas implicações para o autismo e a neurose**

Segundo Kupfer e Keiko (2007), no tratamento de crianças autistas ou psicóticas é necessário tomar o Outro como equivalente à instituição. Para Lacan (1957/1998), o Outro é a linguagem, desse modo, Santos (2014) analisou o Grupo Mix como uma estrutura de linguagem e, por isso, uma estrutura furada, faltante.

O Grupo Mix leva em conta a falta do/no Outro ao invés de escamoteá-la por algum saber do discurso científico, a falta é colocada em jogo e sustentada pela equipe por meio de sessões menos estruturadas, com a utilização de três espaços físicos, sem que as crianças sejam obrigadas a ficar em uma sala específica, onde toda equipe se responsabiliza pelas crianças e, enfim, pela decisão dos profissionais em assumirem uma posição de “sujeito suposto não saber” (Kupfer & Keiko, 2007, p. 161).

A falta no Outro tem a ver com a impossibilidade de se dizer tudo, lugar em que o sujeito experimenta a falta na relação com o outro/Outro desde sua constituição. “A falta experimentada nessa relação faz o sujeito provar da divisão, em que o sujeito, procurando respostas para a falta no Outro, não a encontra” (Lacan, 1959/2002, p. 398).

Durante sua constituição, o sujeito depara com diferentes formas de constatação da falta no Outro. É na travessia pelo Édipo que o sujeito faz sua elaboração acerca da falta. Caso o sujeito conclua sua passagem pelo Édipo, então ele fez uma constatação acerca da castração, falta simbólica. Para que o Outro se apresente como faltoso é necessário que o sujeito se engaje em uma série de elaborações acerca da falta. Tais *démarches* discursivas podem ocorrer por meio das narrativas orais, ou, no caso das crianças, através das brincadeiras. A falta é uma constatação que o sujeito elabora utilizando-se da linguagem e refere-se ao fato de que não existe um dizer pleno.

As narrativas orais, então, podem ser entendidas como uma forma do sujeito elaborar algo da falta do (no) Outro. De acordo com Pêcheux (1969/1990) e Lacan (1979), só há causa daquilo que falha, ou seja, é daquilo que manca que há estruturação do discurso e os sujeitos recorrem aos elementos da língua para articular algo sobre a falta. Para Tfouni (2006), a narrativa representa a elaboração que fazemos do mundo. Sua função é organizar através da linguagem, nossas interações e relações com o Outro.

O sujeito quando aceita estar submetido à linguagem, durante sua constituição, depara com formas de aparecimento da falta no Outro. A morte é uma dessas formas de aparecimento da falta: por mais que se tente dar contorno à morte, ela existirá, o que causa no sujeito uma tentativa de apagamento dessa verdade. Para apagar essa verdade, os sujeitos podem produzir algumas estratégias, como as estruturas clínicas: perversão (denegação), neurose (recalque) e psicose (foraclusão).

Como analisamos uma situação em que estão duas crianças, uma com diagnóstico de autismo e outra com diagnóstico de neurose, faremos uma breve retomada teórica sobre essas duas estruturas clínicas. Para fazer tais diagnósticos, levou-se em consideração a relação que cada sujeito estabelece com a falta na linguagem. Seguimos aqui Quinet (1998), para

quem as estruturas clínicas manifestam o modo como o sujeito nega a falta do Outro.

Acerca do autismo, existe uma discussão sobre o modo como é produzida a negação da falta. Alguns autores entendem o autismo como uma tentativa do sujeito em se excluir da falta. Segundo Rocha (2002) a definição de autismo dentro da Psicanálise é polêmica e passa por duas vias possíveis, são elas: o autismo como uma quarta estrutura ou como compondo o quadro das psicoses.

Neste artigo adotamos o conceito proposto por Jerusalinsky (1993), segundo o qual o sujeito se recusa a submeter-se à falta do Outro, e recua em relação à submissão ao significante advindo do Outro, ausentando-se, assim, do circuito pulsional. O autor propõe o autismo como uma quarta estrutura.

O autismo, do ponto de vista defendido aqui, conseqüentemente se constitui por uma recusa em estabelecer relação com a linguagem, e, como resultado, em uma autoexclusão à entrada em seu universo. Diante dessa recusa, há uma ausência da imagem do corpo, já que o principal dessa função primordial da linguagem é a construção de um mapa do corpo para o bebê.

Comentando Kupfer (1999), Rocha (2002) afirma que a autora defende que no autismo falha a captação do *infans* no desejo materno, pois a encarnação do lugar de Outro primordial não existiria. Por outro

lado, na neurose ocorre o recalque da falta no/do Outro, ou seja, o sujeito constata algo da falta (da castração) e, através do recalque a nega, porém a verdade sobre a castração retorna sob a forma de sintoma. Um ponto importante a ser considerado aqui diz respeito ao fato de que a inscrição da falta para o sujeito neurótico só pode ocorrer caso ele faça a travessia do complexo de Édipo, momento em que a falta estará inscrita como castração. Como observamos anteriormente, no autismo não há a passagem pelo complexo de Édipo. Ao invés disso, ocorre uma recusa a submeter-se ao significante advindo do Outro. A partir dessa perspectiva como considerar o outro/Outro no grupo em relação a esses sujeitos? A direção, dentro das oficinas do Lugar de Vida é barrar o Outro, segundo Kupfer (2000) e, com isso fazer com que a falta apareça.

Com base nessa interpretação de autismo, a direção do tratamento no Grupo Mix é fazer com que o Outro se inclua, e, para que isso ocorra, é necessário que o Outro seja barrado. Isso porque para que o sujeito seja “fisgado” no circuito pulsional do Outro é necessário que este deseje e o desejo é oriundo da falta. Em outras palavras, a mãe que desempenha a função de Outro primordial para o bebê só irá tomar o bebê em lugar de seu desejo se algo lhe faltar.

Já na neurose é necessário que o sujeito admita a falta não como um problema a ser superado, mas sim, como uma questão de estrutura, para

que ele possa reinventar sua maneira de estar no mundo de um modo menos sofrível, ou seja, a direção não é tamponar a falta, ao contrário, é sustentar a falta apontando para o sujeito o que é possível fazer com a estrutura.

Apresentaremos a seguir a análise do recorte retirado da dissertação de mestrado citada na introdução.

## Análise e discussão

Na cena descrita no recorte, estavam Rico e Bela. Rico é uma criança de 8 anos de idade, com diagnóstico de autismo (diagnóstico realizado pela equipe de psicanalistas do Lugar de Vida), cuja demanda dos pais era que ele aprendesse a ler e a escrever e passasse a obedecê-los mais. Rico estava sempre rodeado de brinquedos, especificamente dinossauros, os quais não deixava ninguém pegar, e, caso não os encontrasse, reagia com gritos.

Bela é uma criança de 8 anos de idade, a caçula de oito irmãs, moradora de um abrigo para crianças. Foi avaliada pela equipe de analistas do Lugar de Vida e recebeu o diagnóstico de neurose. Segundo Pinto (2009), Bela era poupada das histórias familiares que envolviam sua mãe, de forma que ela não sabia explicitamente o que se passava entre a mãe e as irmãs. Bela dizia que a mãe a ensinou a cuidar do cabelo. As irmãs a “poupavam” do que acontecia na família, a fim de que Bela pudesse encontrar uma família e ser adotada. Segundo a autora, havia um compromisso de Bela em ser bem-comportada para poder ser adotada.

Não há informações sobre a escolarização de Bela, e, quanto a Rico, ele frequentava a escola regular, mas ainda não sabia ler e escrever.

A seguir um pequeno recorte do relato escrito das sessões do grupo:

Bela pegou os dinossauros das mãos de Rico e começou a narrativa de uma cena familiar, ela ia montando a cena:

*- Este é o papai, aqui está a mamãe, e estes são os filhos. O papai vai sair para trabalhar e a mamãe também, os filhos vão ficar sozinhos e não tem ninguém para cuidar deles.*

Rico deixou que Bela tirasse um dos dinossauros de sua mão e ficou em silêncio observando toda a encenação que Bela oferecia (Pinto, 2009, p. 66).

A narrativa materializa a relação entre o contingente e o necessário, entre os elementos possíveis da vida de um sujeito e o “já-lá”, o interdiscurso tal como Pêcheux (1982/1994) enunciou. Seguindo Carreira (1999), postulamos a narrativa como uma versão do sujeito sobre o real singular que tem início no Outro.

Na passagem exposta anteriormente, observa-se que, diante do contingente, Bela construiu, com os recursos discursivos de que dispunha, uma organização para aquilo que ela denominou de família. Consideramos também que Bela ocupou a posição de autor, tal como Tfouni (2006) nos coloca, ou seja, o autor é o princípio organizador de um texto; aquele que ocupa uma posição no discurso que lhe permite produzir certos efeitos de sentido, colocando o sujeito ouvinte em certas posições de leitura/interpretação.

No caso, a autoria de Bela se exerce por dois motivos principais, que nos interessam mais de perto. Em primeiro lugar, ao narrar, Bela pressupõe em Rico um interlocutor capaz de compreendê-la e com ela interagir, ou seja, um sujeito submetido à falta no simbólico, incompleto. Em segundo lugar, a narrativa de Bela interpela Rico a ocupar uma posição especular, que possibilita que o impedimento próprio do autista de recorrer a meios culturalmente construídos seja ultrapassado, e, conseqüentemente, que seu isolamento seja balizado (Rocha, 2002).

Ao mesmo tempo, observando a narrativa de Bela, é possível notar o efeito de antecipação no enunciado “*os filhos vão ficar sozinhos e não tem ninguém para cuidar deles*”, no qual o verbo *ir*, no tempo em que foi conjugado (futuro do presente), enuncia algo que irá acontecer: há uma antecipação em relação aos filhos, que remete à própria história de Bela. Essa fala tem a função de antecipar o que acontecerá com os filhos, e, ao mesmo tempo, constrói uma ressignificação de Bela acerca de algo que aconteceu com ela: a mãe, que tinha oito filhos, cada um de um pai diferente, que ficavam sozinhos de alguma forma. É o que traz um efeito de verossimilhança ao narrado, “[...] é como se nesses momentos a autora se colocasse na posição de testemunha dos fatos narrados” (Tfouni, 2006, p. 87).

Rico durante as sessões deixava de partilhar do laço social com as crianças para ficar entretido com seus dinossauros. Recusava-se a “emprestá-los” para outras crianças e, quando acontecia de outras crianças brincarem com os dinossauros ele chorava e gritava. Diferentemente do que costumava fazer, Rico os cedeu à Bela nessa sessão, para que servissem de suporte à sua narrativa, à qual se mostrou atento.

As narrativas orais materializam uma demanda por escuta e elaboração do sujeito, se Bela conta a Rico sua narrativa, é possível inferir que há demanda por escuta e essa demanda foi endereçada a Rico na ocasião da sessão. Não só isso, no entanto, também é importante, nesta análise, apontar que a demanda de Bela foi atendida por Rico, ou seja, a suposição de um sujeito em Rico, feita por Bela, foi aceita por ele. Isso coincide com a proposta de tratamento de crianças autistas e psicóticas em que a direção é a suposição de um sujeito.

Quando Bela constrói uma narrativa e a endereça a Rico, ela supõe que ele pode escutá-la. Assim, ela faz uma suposição de que nele há quem possa escutar, ou seja, um sujeito ouvinte. Segundo Lacan (2003, p. 253) “o sujeito não supõe nada; ele é suposto”. Rico aceita, portanto, a posição de interlocutor, de destinatário que lhe é designada por Bela.

Esse momento marca um encontro intersubjetivo do eu e do outro, e pôde ocorrer porque Bela, enquanto sujeito-narrador, através de mecanismos de antecipação e projeções imaginárias (Pêcheux, 1982/1994), antecipa discursivamente as necessidades de Rico e o coloca na posição virtual de sujeito-ouvinte, ou narratário.

O mecanismo de antecipação e as projeções imaginárias fazem parte das condições de produção de um discurso. Para Pêcheux (1969/1990), no processo de produção de um discurso existe um sujeito A e um destinatário B que podem ser encontrados na estrutura de uma formação social. Um discurso não implica apenas uma troca de informação, mas sim um “jogo” de efeitos de sentidos produzidos a partir da transformação desses lugares preestabelecidos pela estrutura social. O sujeito, desse modo, relaciona-se, não com um fato em si ou com o outro, mas com as imagens que ele produz acerca de determinado lugar social. Portanto, nos processos discursivos existe a operação de uma série de formações imaginárias que designam os lugares em que A e B atribuem a si mesmos e ao outro.

Para Caetano (s.d.),

Podemos concluir, com Pêcheux, que um processo discursivo supõe, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso. Como se trata de antecipações, o que é dito precede as eventuais respostas de B, que vão sancionar ou não as decisões antecipadas de A. Essas antecipações são, entretanto, sempre atravessadas pelo já ouvido e pelo já dito, que constituem a substância das formações imaginárias.

As considerações de Pêcheux (1969/1990) acerca dos mecanismos de antecipação e as projeções imaginárias podem guardar uma relação com o conceito de suposição

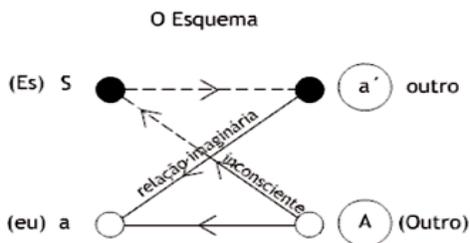
de sujeito proposto pela psicanálise lacaniana. A suposição do sujeito se dá sob o eixo do imaginário, eixo a-a'. Não existe relação dual entre duas pessoas, isto é, quando falamos, estamos referenciados a um terceiro que nos devolve a mensagem de forma invertida, mas há uma ilusão de reciprocidade e dualidade contida em um diálogo que “apaga” o Outro, o terceiro.

Essa ilusão de reciprocidade é importante para que se faça laço social. A ilusão de reciprocidade nas narrativas orais só é possível e sustentável com o apoio na linguagem, ou seja, naquilo que chamamos de Outro (A). Dessa forma não se trata de uma relação de dois, ou seja, quando falamos não falamos ao outro semelhante, mas, sim, ao Outro (A).

Vemos operar uma das funções do interlocutor básico da criança nas narrativas orais como aquele que tem por objetivo interpretar e atribuir sentido ao que a criança diz. Assim, ela se vê no Outro. Bela produz uma imagem de si no Outro apoiada nos dinossauros de Rico e isso possibilita que Rico esteja inserido no contexto sem a necessidade de atender uma demanda. Nessa perspectiva, Bela convoca Rico para uma posição de semelhante (a, outro), que o leva a estar bem mais do que igual, pois, ela supõe que aquele a quem fala é alguém que reflete uma imagem (A); Rico é tomado como um sujeito e ao

mesmo tempo como uma imagem do Eu, tal qual descrito pelo esquema L da figura a seguir.

Figura 1 - Esquema L (Lacan, 1955-1956/2008)



O importante a assinalar aqui é que Rico aceita ocupar a posição que lhe é designada. Isso se nota pelo fato importante no contexto em que Rico permite que Bela pegue um de seus dinossauros para fazer parte da história. Ceder um de seus brinquedos (objetos) pode ser interpretado como um gesto de incluir-se no contexto e participar da escritura daquele texto.

Esse ato faz com que Rico possa haver-se com o outro/Outro pela mediação de Bela. A mediação de Bela é feita pelo apoio no/do significante. Já Rico está apoiado em um signo (o dinossauro), e é por isso que ele não reage com gritos ou agressividade. Esse acontecimento faz supor que a relação dual – a reciprocidade – fonte do equívoco para Lacan (2008) passasse a envolver um terceiro, o Outro, que nos devolve a mensagem de forma invertida.

O dinossauro de Rico pode ser tratado como objeto autístico. Os objetos autísticos são, segundo Maleval (2009), vividos como partes do corpo e entendidos como constantemente disponíveis, o que pode não ajudar as crianças na aprendizagem, tampouco na simbolização, pois não possibilitam a tensão entre adiar a ação e executá-la. Para essa autora, o objeto autístico não possui apenas uma conotação desastrosa para o sujeito autista. Ela entende que o objeto autístico também pode traçar uma borda para o sujeito e proporcionar um gozo autossensual. Pode funcionar como um duplo do sujeito, e quem sabe, se estender ao campo social. Ainda segundo a autora, o objeto autístico traz certa segurança ao sujeito, porque é passível de controle. Levando tais observações para a cena em análise, compreendemos que Rico, ao possuir um objeto autístico, produziu, de certa forma, uma borda entre ele e o mundo externo, mesmo que esse objeto o isole do Outro, ou seja, do laço social.

O inaceitável para um autista é que o Outro se ocupe dele, que a iniciativa parta do Outro, ou, como apontou Lacan (1988/1975, p. 134), “se eles não chegam a escutar o que vocês têm a lhes dizer é por conta de vocês estarem muito preocupados com isso”. Bela não está interessada em Rico ou em seu tratamento, mas em seus dinossauros; ela está mais interessada em um brinquedo para compor sua história e dizer que ela sabia da ausência materna (um saber que parecia estar interdito devido à proteção das irmãs). Nesse sentido, existe um apaziguamento do Outro para Rico, uma vez que não é Rico que interessa, mas o que ele tem em suas mãos; o enlace entre a narrativa de Bela e Rico se dá por meio do dinossauro, o brinquedo é submetido a um significante, não é Rico que é enlaçado, mas seu objeto. Pode ser que isso tenha possibilitado seu apaziguamento.

O que Bela forja para Rico é esse terceiro de que ela mesma não se dá conta enquanto constrói seu texto, já que na estrutura neurótica ocorre um recalque acerca do Outro e de sua função constitutiva do sujeito. O sujeito é dividido e desconhece o Outro enquanto determinante de seu dizer, o neurótico é iludido de que ele é origem do dizer.

É nesse ponto também que ocorre a interpelação do sujeito, tal qual Pêcheux (1969/1990) propõe: o indivíduo é interpelado em sujeito falante. Ao supor que Rico a escuta,

Bela o interpela em sujeito falante, e, ao mesmo tempo, oferece outra formação discursiva a Rico, que não a proposta pelas práticas pedagógicas e as formações construídas acerca da loucura, tal como Foucault (1972/2005) expôs. É uma região em que Rico é incluído no discurso, e não excluído, ou colocado ao lado.

Já Bela com isso faz algumas elaborações e endereça uma demanda por escuta acerca de sua problemática familiar, dos filhos, do pai e da mãe diante do abandono. Quando Bela diz que *o papai vai sair para trabalhar e a mamãe também*, existe uma interpretação que ela faz a respeito dos filhos que ficam sozinhos, ou melhor, os filhos ficam sozinhos porque os pais foram trabalhar, o que nos faz rever a questão do abandono: Será que Bela entendia a ausência dos pais como abandono, ou devido ao trabalho? De qualquer forma, Bela parece tecer uma justificativa acerca da ausência dos pais e, com isso, uma tentativa de justificar sua própria existência diante do desejo do Outro.

## Considerações finais

Para concluir, destacamos a função do narrador em intercambiar experiências e com isso transmitir aos outros (a) marcas da organização social e cultural da sociedade (Benjamin, 1994). A função de Bela é transmitir para Rico elementos de um arquivo, entendido nesta análise, no sentido dado por Pêcheux (1982/1994), como “as coisas a saber”, ou o conjunto de documentos construídos historicamente e que formam a memória discursiva disponível aos dizeres. Esse arquivo se compõe de elementos do interdiscurso, ou seja, da memória do dizer, localizada no plano dos enunciados, elementos estes que são retomados e ressignificados por Bela na enunciação.

Para Tfouni *et al.* (2008, p. 103) “investigar práticas discursivas de uma sociedade, ou de um grupo de sujeitos implica incorporar a desigualdade e aceitar que essas práticas não estão à disposição de todas as pessoas igualmente”. Dessa forma, pode-se afirmar que os sujeitos acessam de forma diferente o saber, e o acesso ao arquivo bem como sua construção para cada sujeito são feitas de maneiras diferentes.

Ao contar uma história para Rico, Bela o insere em uma determinada ordem social que o auxilia a fazer uma mediação com o outro/Outro e, portanto, com a incompletude da linguagem, colocando-o na posição de leitor/interlocutor. Bela oferece para ele uma forma-sujeito que pode propiciar uma elaboração da falta no/do Outro, e permitir-lhe ultrapassar a recusa. Ao mesmo tempo, Bela com isso faz algumas elaborações e endereça uma demanda por escuta acerca de sua problemática sobre a família, os filhos, o pai e a mãe, diante do abandono.

Foucault (1972/2005) propõe que a loucura “sofre” os efeitos de exclusão, separação e segregação social pelo discurso; diz que é na palavra do louco que se reconhece a loucura. Um “dialeto” próprio da loucura (ecolalias, delírios, alucinações) que aponta a impossibilidade da sociedade de fazer um, ou seja, a fala do louco indicia uma divisão social e impossibilidade de realizar o ideal de igualdade.

Os discursos pedagógico e psiquiátrico pretendem operar nesse ponto, tentando escamotear a divisão colocada e, para isso, utilizam a classificação e controle desses pacientes, por meio de medicações e práticas pedagógicas. Assim, há três saídas para o que fugiu da norma: exclusão, tratamento e educação, e todas elas falham culminando na tentativa de isolar o sujeito em seu propósito, o que provoca uma visibilidade e legibilidade isolantes: “uma e outra

contribuem para o funcionamento dos mecanismos de individualização e de identificação” (Haroche, 1992, p. 23).

A criança com autismo ou psicose e a criança abrigada estão sob a mesma formação ideológica – ainda que pareça diferente, por serem problemáticas distintas –, pois incidem nesses sujeitos a segregação e a exclusão social. Nesses casos, a subjetividade é excluída ou sofre tentativas de controle, mas ela é o meio que o sujeito encontra para falar de si e fazer elaborações, no sentido de atingir aquilo que há de mais singular para cada sujeito.

Portanto, possibilitar o encontro entre essas crianças – estando advertidos dos mecanismos de controle da ideologia do discurso psiquiátrico e pedagógico – pode propiciar a fala desses sujeitos e os auxiliar a “barrar” o Outro, realizando, dessa forma, elaborações caras à sua constituição. Sendo assim, o “esvaziamento” dos sentidos desses discursos proporciona uma prática que inclui o sujeito com sua singularidade. Foi isso que a narrativa de Bela fez, e que possibilitou a Rico aceder ao plano da alteridade.

O “esvaziamento” desses discursos faz a estrutura aparecer com sua forma “furada” e é isso que possibilita a emergência do sujeito e de suas produções. O Grupo Mix, por sua vez, quando propõe um “sujeito suposto não saber” entre os profissionais “esvazia” os sentidos e dá lugar ao sujeito.

## ABSTRACT

### AN ORAL NARRATIVE IN A THERAPEUTIC WORKSHOP: A TRACE OF OTHERNESS

*This work aims to analyze the construction of an oral narrative by two children with different structural diagnoses in a therapeutic workshop called Grupo Mix, of the Lugar de Vida Therapeutic Education Center. We assume that oral narratives can serve to the subject as a way of dealing with the lack in/of the Other. For these children diagnosed with autism and neurosis, the meeting on a Mix Workshop enables the emergence of narratives that can promote social ties and some elaboration on language. The analysis indicates that it is necessary to break apart from the prevailing ideology in the pedagogical discourse about the treatment of children with autism, focusing on a subject.*

**Index terms:** oral narratives; literacy; subject; autism; neurosis.

## RESUMEN

### UNA NARRATIVA ORAL EN UN TALLER TERAPÉUTICO: UNA HUELLA DE ALTERIDAD

*Este trabajo analiza una narrativa oral construida por dos niños, con diagnósticos estructurales diferentes, en un taller terapéutico llamado Grupo Mix, de Lugar de Vida – Centro de Educación Terapéutica. Las narrativas orales pueden servir para el sujeto como una forma de lidiar con la falta en el del Otro. Para niños con diagnóstico de autismo y neurosis el encuentro en el Taller Mix posibilita el surgimiento de narrativas que pueden propiciar el lazo social, y con eso alguna elaboración sobre el lenguaje. El análisis apunta que es necesario romper con la ideología vigente en el discurso pedagógico acerca del tratamiento de niños con autismo, apostando en un sujeto.*

**Palabras-clave:** narrativas orales; alfabetización; sujeto; autismo; neurosis.

## REFERÊNCIAS

- Quem somos? (2009). São Paulo: Lugar de Vida Terapêutico. Recuperado de <http://www.lugardevida.com.br/>
- Benjamim, W. (1994). O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Caetano, R. (s.d.). *Formações imaginárias presentes nos discursos de pacientes em estados de psicoses*. Recuperado de [www.filologia.org.br/anais/anais](http://www.filologia.org.br/anais/anais)
- Carreira, A. F. (1999). *Subjetividade e Autoria: O sujeito como vacilo do “Eu”?* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Foucault, M. (2008). *História da loucura, 1984* (J. T. Coelho Neto, trad.). São Paulo, SP: Loyola.
- Jerusalinsky, A. (1993). Psicose e autismo na infância: uma questão de linguagem. *Psicose*, 4(9). *Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, RS.
- Haroche, C. (1992). *Fazer dizer/querer dizer* (E. P. Orlandi, trad.). São Paulo, SP: Editora Hucitec.

- Lacan, J. (1988). Conferencia em Genebra sobre el síntoma. In J. Lacan, *Intervenciones y textos 2*, (pp.115-144). Buenos Aires: Manantial. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1996). O inconsciente freudiano de o nosso. In J. Jacan, *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964* (M. D Magno, trad., pp.09-20). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (2008) Introdução à questão das psicoses. In J. Lacan, *As psicoses, 1955-1956* (A. Menezes, trad., pp. 13-27). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). O Outro e a psicose. In J. Lacan, *As psicoses, 1955-1956* (A. Menezes, trad., pp. 42-58). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos*, (V. Ribeiro, trad, pp. 496-533). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957))
- Lacan, J. (2002). *O seminário 6: o desejo e sua interpretação, 1959*. Porto Alegre, RS: Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Lacan, J. (1988). *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). A proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan *Outros Escrito* (V. Ribeiro trad., pp.236-248). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Maleval, J. C. (2009). Os objetos autísticos complexos são nocivos? *Psicologia em Revista*, 15(2), 223-54.
- Quinet, A. (1998). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Kupfer, M. C. (2000). Notas diferenciais sobre o autismo e a psicose. *Psicologia USP*, 11(1), 85-105. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>
- Kupfer, M. C., Oliveira, L. G. M., Guglielmetti, M. L. (1998). Lugar de Vida, 10 anos depois. *Revista Estilos da Clínica: Revista sobre a infância com problemas*, 3(5), 10-18. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v3i5p10-18>
- Kupfer, M. C. M., Faria, C., & Keiko, C. (2007). O tratamento institucional do outro na psicose infantil e no autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 156-66.
- Orlandi, Eni P. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.
- Pêcheux, M. (1994). Ler o arquivo hoje. In Eni P. Orlandi, (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso*. (M. das G. L. Morin do Amaral, trad., pp. 55-66). Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1982)
- Pêcheux, M. (1990). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (Eni P. Orlandi, trad.). Campinas: Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1969)
- Pereira, A. (2005). *Letramento, esquecimento e alteridade: processo de retificação da escrita*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Pinto, F. N. C. (2009). *Grupo Mix: um campo de linguagem para circulação da heterogeneidade*. (Dissertação de Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

- Rocha, F. H. (2002). Autismo: controvérsias na psicanálise. In *Proceedings do 4 Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*. Recuperado de <http://www.proceedings.scielo.br>
- Santos, V. (2014). *A exclusão do sujeito no autismo e na psicose pelo discurso científico – a instalação do laço social no Lugar de Vida Terapêutico*. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Sarti, M. (2007). *Análise de um slogan publicitário de brinquedo: possibilidade de renovação de sentidos ou movimento parafrásico*. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Tfouni, L. V. (1992). O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre a compreensão da linguagem. *D.E.L.T.A.*, 8(2), 205-53.
- Tfouni, L. V., Pereira, A. C., Assolini, E., Sarti, M. & Adorni, A. (2008). O caráter terapêutico da escrita: Práticas de letramento em um hospital psiquiátrico. *Revista Paideia*, 18(39), 101-10. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100010>

#### NOTA

1. Informação disponível no site da instituição: [www.lugardevida.com.br](http://www.lugardevida.com.br).

vesantos@usp.br

Rua José Borges da Costa, 642  
14025-660 – Ribeirão Preto – SP – Brasil.

letfouni@usp.br

Rua Maria Octavia P. Villa, 71  
14021-047 – Ribeirão Preto – SP – Brasil.

*Recebido em abril/2014.  
Aceito em fevereiro/2015.*